

NO BAILE INFANTIL



MANO ALFREDO: — Então a menina foi contar á Izabelinha Souza que eu ficara reprovado no exame?

MANA AMELIA: — (*fazendo-se muito corada*). Reprovado?... eu não disse tal. Disse apenas que o mano não sahira aprovado.

MANO ALFREDO: — Ah! agora finge-se tola? Deixe estar: não tarda que todos saibam que a mamã a mandou lavar a loiça para a castigar!

MANA AMELIA: — (*choramigando*). Ó Alfredo, não digas nada; quando não lá no collegio comecem a chamar-me *sopeira*!

QUADROS DE HISTORIA NACIONAL

A CONQUISTA ARABE

Vimos que desgraças tinham fulminado a nossa terra quando os barbaros, vindos do Norte, irrompendo pela Peninsula, destruíram a administração romana, arrazaram as cidades e devastaram os campos. Aos Suevos afinal succederam os Visigodos, que foram de todos os conquistadores da Europa os que mais se deixaram conquistar pela civilização dos povos que venciam.

N'estas luctas entre os homens quem vence em ultima analyse, quem vence definitivamente é quem possue a superioridade intellectual. Já os proprios Romanos diziam de si mesmos: *Grecia capta ferum victorum cepit*, o que quer dizer que a Grecia conquistada conquistou o fero vencedor, sendo ao seu proprio povo que o poeta latino chamava fero vencedor. O mesmo succedeu com os barbaros e o imperio romano. Conquistaram elles a terra e foram conquistados pela civilização.

Mas não tinham terminado ainda as convulsões do solo peninsular. Foi no seculo v que veio a conquista barbara, foi no vii que o imperio visigothico se constituiu em toda a Peninsula, assentando a sua capital em Toledo. No seculo viii appareceram na Peninsula novos conquistadores.

Eram os Arabes, povo não menos selvagem e rude do que os barbaros do Norte, mas que tivera um legislador religioso que fixara n'um codigo como o do Evangelho os preceitos da sua lei. Os Arabes eram da mesma grande familia, a que pertenciam os Judeus, familia que se denominava semitica, e tinham como semitas a tendencia para reconhecerem um só Deus. Como os israelitas, tinham os Arabes tambem a veneração por Moysés e por Abrahão e uma certa comunidade de tradições, que a Biblia reconhece quando os faz descendentes de Ismael, filho de Abrahão e da sua escrava Agar, enquanto os israelitas descendiam de Isaac, filho de Abrahão e de sua esposa Sara. Como os christãos, reconheciam tambem os Arabes a doce missão de Jesus, mas entendiam que fora o Christo um simples propheta como S. João Baptista e que o verdadeiro missionario divino, aquelle que tinha sido chamado a dar ao mundo a sua lei religiosa definitiva, fora o seu Mahomet ou Mafoma. Accrescentavam que Jesus procedera pela brandura e pela suavidade, mas nada conseguira. Viera então Mafoma para proceder com a espada, e assim era a sua religião uma religião de sangue, e de conquista.

Ora tinham os Arabes tambem uma certa civilização, civilização até bastante adiantada; porque, enquanto os Visigodos, conquistando parte do imperio do Occidente, já devastado pelos outros barbaros, tinham recebido uma civilização mutilada e decadente, os Arabes, conquistando parte do imperio do Oriente, a famosa Alexan-

dria, onde brilhava com grande esplendor ainda intacta a cultura grega, tinham recebido uma civilização florescente e perfeita.

Parecia portanto que a sua conquista devia ser menos feroz e menos devastadora do que o fôra a conquista dos barbaros do Norte; mas acontecia com os Arabes o que succede um pouco actualmente com os Russos. Ha na Russia uma grande civilização exterior, um estado maior intellectual brilhantissimo. No fundo porém reina ainda a barbaria. «Raspe-se o Russo, dizia Napoleão na sua linguagem imaginosa, encontra-se logo o Tartaro.» Assim tambem por baixo da civilização brilhante dos Arabes encontrava-se facilmente a selvajaria das antigas tribus.

Comtudo não tivemos grande razão de queixa no primeiro momento. Levados pela sede da conquista, os Arabes, depois de se apossarem do Egypto, tinham corrido ao longo do Mediterraneo, e tinham ido tomando successivamente o que hoje constitue a regencia de Tripoli, Tunis, Argel e Marrocos.

Governava o arabe Musa estas extremas conquistas, quando se lhe offereceu ensejo de invadir a Hespanha. Não iam de certo as suas aspirações além da conquista de uma porção do territorio da Peninsula. A essa empreza foi mandado Thareq, mas tão rapida e tão completa foi a derrota dos Visigodos na famosa batalha do Guadalete, em que o rei Rodrigo morreu, tão depressa se assenhoreou este general das provincias do Sul de Hespanha, chegando dentro em pouco a Toledo, que Musa entendeu que devia passar tambem o estreito. Combinaram-se os dois generaes, e Musa, mandando Thareq para Leste, veio conquistar o nosso paiz. Em Merida, a antiga capital da Lusitania, hoje cidade hespanhola, encontrou vigorosa resistencia, mas, depois de a subjugar, facilmente sujeitou o paiz todo até ao Douro. Elle mesmo, e depois seu filho Abdelazziz conquistaram sem grande esforço o paiz entre o Douro e o Minho, e entre o Minho e a costa septentrional da Peninsula.

O filho de Musa, moço de indole moderada, e que, tendo-se apaixonado pela viuva de Rodrigo, Egilona, estava bem disposto a favor dos christãos, não concorreu pouco para que nos primeiros tempos não se fizesse sentir aqui no Occidente da Peninsula o pezo da conquista musulmana. Por isso passámos sem grandes abalos do regimen visigothico para o regimen musulmano, por isso aqui abundaram esses christãos mosarabes, que foram os que aceitaram o dominio arabe, e viveram tolerados e bem tratados pelos dominadores. Mas a raça semitica em toda a parte tem mostrado a sua intransigencia. Pode ser tolerante e pode ser tolerada, mas nunca se funde com aquelles que domina

nem com aquelles por quem é dominada. Os Arabes e os Judeus em Hespanha, uns senhores outros servos, bem claramente o demonstraram. Por isso, apesar da brandura relativa da conquista, não tardou a reacção. Não podiam viver por muito tempo em boa harmonia a cruz e o crescente, nem a civilização christã podia curvar-se á civilização mahometana, e a nação hispanogothica, que continuava a subsistir sem alte-

ração nem mistura, não podia supportar o dominio d'uma raça estranha, que vivia perfectamente acampada no nosso solo, conservando a sua lingua, os seus costumes, a sua religião, que nunca poderam ser nem a religião, nem os costumes, nem a lingua da raça subjugada.

PINHEIRO CHAGAS.

VERSOS AO JULIO

REPREHENSÃO

O Julio travesso
Que mau que hoje está!
Não faz ao papá
Nenhuma festinha,
Não quer assentar-se,
Não pára um momento,
'stá mais rabugento
Que a sua avósinha.

O meu q'rido filho
Perdeu o juizo?
Não mostra um sorriso,
Não diz uma graça;
Mettido no canto,
Chorou hora e meia
Co'a cara mais feia
Que feia caraça!

Não quer os bonitos,
Deitou fóra o burro,
Vibrando-lhe um murro
Deu cabo do bumbo,
Deitou sobre a mesa
Co'os braços partidos
Os seus aguerridos
Soldados de chumbo!

Tem 'stado deveras
Levado da bréca!
Quebrou a boneca
Do fato amarello;
Pisando-os a pés
Partiu em bocados
Os guizos doirados
Do polchinello!

Chegado á cosinha,
Na celha do lixo
Deitou o cochicho,
E logo depois,
Em doida corrida,
Pois não se accomoda.
Saltou-lhe uma roda
Do carro dos bois!

Rasgou os estofos,
Mostrando quisilia,
Aquella mobilia,
Presente do Isidro,
E á linda *bébé*,
Tão branca e tão loira,
Tirou co'a thesoira
Os olhos de vidro!...

E quer, depois d'isto
Que ha pouco inda vi,
Que eu goste de si
E caia na asneira
De dar-lhe uma prenda,
Bonita e custosa,
Da loja famosa
Do Mattos Moreira!...

Quer prendas bonitas!
Pois deixe as maneiras
Tão rudes, grosseiras,
Que todos lhe estranham,
E a esta doutrina
Respeito consagre:
«Não é com vinagre
Que as moscas se apanham.»

D. MARIA DO Ó.

O FRUCTO DA MENTIRA

Lá muito longe, para o lado do nascente, fica a terra de Palestina, paiz de maravilhas; ahi o manso lago de Tiberiade, os altos pincares do Hermon e do Thabor, as collinas da Galiléa povoadas de pobres aldeiasinhas aninhadas entre olivedos e laranjaes.

Para o sul correm as aguas do Jordão; descem das vertentes frescas e arborisadas, dos graciosos outeiros vestidos de aromaticos arbustos, depois cortam a Samaria, região mais agreste, e logo passam entre adustas fragas ermas de vida; porque na Palestina, a breve distancia, estão as meigas paizagens de Nazareth, as calvas penedias das margens do Cedron; e as puras aguas do Jordão, depois de formarem o lago de Tiberiade, vão perder-se no *mar morto*, ou Asphaltite, um lago moldurado de asperas, desoladas margens; aguas carregadas de saes onde não vegetam algas, nem os peixes podem

viver, onde só fluctuam fragmentos de betume; margens sem, arvoredos nem relvas, sem uma avesinha; é o *mar morto*.

N'aquelle ermo desolador vibram raros signaes de vida, por vezes rompe a agua, e ergue-se, esvaecendo no ar abafadiço, um turbilhãozinho de fumaceira vulcanica; e na margem uma planta de verde acobreado abre aos raios abrazadores do sol uma flor em calice, de colorido sanguineo, que em breve murcha, e a que succede um fructo de promettedora vista: Colhe-se o fructo de tão lindo aspecto: só contem cinza, uma substancia pulverulenta, amarga, sem frescura, é a maçã d'Asphaltite ou o pómo de Sódoma, a que o arabe do deserto dá uns nomes que traduzidos significam — o fructo do peccado, ou a maçã da mentira.

GABRIEL PEREIRA.

O BUFALO

O bufalo é muito parecido com o boi, se bem que maior e mais forte. É oriundo da Africa, onde prefere os logares pantanosos, porque sente prazer em espojar-se na lama e na agua.

Apesar da sua ferocidade, consegue-se domesticar-o. Na Italia, principalmente, servem-se d'elle nos trabalhos da lavoira. Para o subjugarem e dirigirem, mettem-lhe nas ventas uma argola de ferro.

O bufalo africano é extremamente feroz e terrivel. Alguns viajantes temem-no mais do que ao proprio leão; porque o leão só ataca tendo fome, em quanto que o bufalo é mau por natureza.

Conta o explorador Cameron, no seu curioso livro intitulado *Através d'África*, o seguinte episodio:

«Ao sahir d'este valle, passamos por uma floresta aberta ao longo da encosta d'uma collina, quando subitamente me largaram no chão os meus carregadores, sem a menor cerimonia, deitando a fugir; em toda a linha se espalhara um pânico geral; os homens, no meio do susto, largavam as espingardas e as cargas, correndo a esconder-se detraz das arvores que ficavam mais proximas.

«— O que é? são ladrões? é alguma fera? que é? Tragam-me a espingarda! — exclamei eu, sem mexer-me do meu logar, porque estava engaiolado sem poder mover-me, por causa da trave que suspendia a cadeira em que era conduzido.

«A unica resposta que tive foi dada pelo auctor d'aquelle pânico — um bufalo tresmalhado, que vinha de investida. Era um bicho preto e ma-

treiro, segundo me pareceu. Passou a vinte jardas de distancia de mim; mas, felizmente, não me viu, quando não, com toda a probabilidade, fazia-me voar pelos ares com cadeira e tudo.»

Á vista do homem, o bufalo enfurece-se mais do que um toiro. Desgraçado do caçador que erra o tiro, ou que fere simplesmente o feroz animal! Pode julgar-se perdido. Uma arvore não é abrigo sufficiente, porque o terrivel bufalo, não podendo alcançar os ramos, onde se refugia a sua victima, constitue-se em carcereiro antes de ser crasso, isto é, põe-se de sentinella á arvore, até que o homem desça. Só muito apertado pela fome e pela sede se resolve a abandonar o posto! Safa!

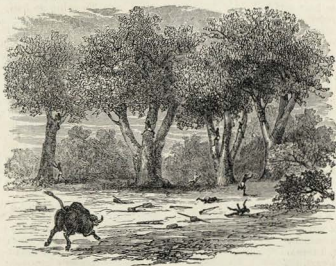
O bufalo não se esquivava ao combate com a panthera, ou com o leão, ficando

quasi sempre vencedor n'essas luctas de morte, se bem que o inimigo o deixe cruelmente ferido.

Para apanharem o bufalo, os negros costumam cavar na terra um fosso, cobrindo-o depois com folhagem; se acontece o animal passar por alli, cahe no fosso, d'onde o tiram quando elle está, por falta de alimento, exausto de forças. É então que o domesticam.

A pelle do bufalo, apesar de molle, resiste perfeitamente ás armas cortantes; por isso a aproveitam para fazer couraças, cinturões, luvras, etc. A carne é muito inferior á do boi.

Se fôr ávante o jardim zoologico que se projecta em Lisboa, os meus leitoresinhos terão occasião de ver este feroz animal.



AS FORMIGAS

Assaltado um jardim pelas ormidgas,
Tentou o jardineiro dar-lhe fim,
E depois de empregar varias fadigas,
Lembrou-se do veneno, e fez assim:

Misturou com assucar rosalgar,
Gastando na receita alguns patacos,
E o pó destruidor foi espalhar
Onde viu das formigas os buracos.

Muitas comeram a isca traicoeira,
Mas sentindo já perto o extremo córte,
Empenharam-se em dura, ardua canceira,
Para as suas irmãs livrar da morte.

Com terra, que ajuntaram á porfia,
Cobriram o maldito rosalgar.
— Diga-me quem tiver sabeldoria
Se isto não é ser nobre — e ter pensar.



Algumas semanas depois, effectou-se o casamento de Paulo de Sannois com Thereza de Montlaur.

AS PERGUNTAS DE SUSANA

POR EMILIO DESBEAUX

(Conclusão)

— Um duello?... — reflectiu a Susanhinha a tremmer — na Criméa... com um de Sannois?...

Vendo aquella commoção, o velho guarda apenas se atreveu a responder com um gesto affirmativo.

Era o sufficiente para Susana!

— Ah! tio Rémois! — exclamou ella lavada em lagrimas — Cale-se! cale-se!... Eu sei o fim da historia!

O pobre guarda, tristemente surprehendido do effeito que tinham causado as suas palavras, não sabia que fazer.

— Porque chora, minha querida menina? — perguntava elle, muito penalizado. — Vamos, diga-me porque chora!

— Esse sr. de Sannois... — murmurou a pequenita — era meu pae!

O veterano ficou silencioso um momento. Diligenciava comprehender o motivo d'aquellas lagrimas, mas não atinava.

— Por mais que pense, minha menina, não vejo de que possa provir o seu desgosto.

— Ah! é porque não sabe! Se não tivesse ha-

vido esse duello... se o adversario de meu pae não fosse...

— O sr. de Montlaur, não é verdade?

— Sim. Se Pedro de Montlaur não tivesse sido morto n'esse duello...

— Que diz a menina?— atalhou o velho guarda— O sr. de Montlaur não morreu no duello!

Susana ergueu vivamente a cabeça. Um lampejo de esperança lhe illuminou o rosto, mas apagou-se logo.

— Ora! o tio Rémois não sabe...— disse ella.

— Não sei?...— sei perfeitamente?— affirmou com energia o veterano— pois se eu era uma das testemunhas!

— O meu Deus!... será possível!...— exclamou a Susaninha, n'uma grande commoção.

E duvidando ainda, acrescentou:

— Entretanto, a noticia da sua morte é verdadeira...

— O sr. Pedro de Montlaur— declarou gravemente o veterano— foi morto na Criméa, mas cahiu gloriosamente, como soldado, diante de Malakoff!

Susana abria desmedidamente os seus grandes olhos, que brilhavam de intima felicidade.

— E' verdade tudo isso que me diz, meu bom tio Rémois?!— repetia ella.— Deve ser; acredito. Não quereria de certo augmentar o desgosto que tenho tido! Não imagina de quanta alegria vae ser a causa!...

E como o velho guarda se mostrava espantado, a Susaninha entendeu, por lealdade, desvendarlhe o mysterio. Em poucas palavras lhe explicou tudo.

— Agora, tio Rémois— concluiu— deixe-me abraçal-o. Agradeço-lhe como posso, em quanto não recebo os agradecimentos de todos.

Aquelle simples agradecimento valeu para o honrado veterano pela melhor das recompensas.

A pequenita chamou a criada Luiza, que estava conversando com a mulher d'um outro guarda, e despediu-se do tio Rémois, dizendo:

— Vou já a correr para casa! Oh! como vamos ser agora felizes!...

— Espere ahí, menina— disse o veterano, tentando erguer-se.

— Que quer fazer?— perguntou ella admirada.

— Quero ir com a menina repetir ao seu papá o que lhe disse ha pouco. E depois preciso agradecer-lhe o que tem feito por mim.

— Mas não pode, tio Rémois...— replicou meigamente a Susaninha, comprehendendo a delicadeza do velho.

— Hei de poder!

E fazendo um esforço energico, o veterano conseguiu pôr-se em pé. A vontade dominara a doença. Encostando-se á pequenita e á criada, conseguiu chegar ao palacio.

A familia de Sannois, que estava reunida para almoçar, viu pelas janellas do parque aproximarse aquelle delicioso grupo. Todos julgaram que o pobre veterano vinha simplesmente agradecer o que lhe tinham feito; ninguém podia imaginar que elle era mensageiro de uma tão agradável noticia.

Apenas entrou na sala, e em quanto faziam sentar o tio Rémois, a Susaninha, radiante de alegria, começou a beijar os seus queridos paes.

— Ah! mamã!— exclamava ella— ah! meu papá! e tu tambem, avósinho, que me dizias que tudo se arranjaria!...

E chegando-se ao irmão, acrescentou:

— Dá um abraço bem apertado na tua mananinha, Paulo, porque ella vae proporcionar-te um grande prazer!...

— Mas o que é?...— perguntou Paulo, muito espantado.

— Uma coisa muito simples:— respondeu a Susaninha com encantadora gravidade— é que já podes casar com a minha amiguinha Thereza.

Ouvindo estas palavras inesperadas, o sr. de Sannois empallideceu e perguntou bastante inquieto, consultando com o olhar sua esposa e o sr. de Beaucourt:

— Que diz a Susana?...

— Digo, papásinho,— murmurou a pequenita com encantadora timidez— que sei tudo, e que mereço que me perdoem a minha curiosidade.

— Mas o que é que sabes?

— Sei apenas que o sr. Pedro de Montlaur não foi fojo morto em duello na Criméa.

— O meu Deus!— exclamou o sr. de Sannois— Será possível?!

— Possível e muito possível— redarguiu meigamente a Susaninha— e aqui está o tio Rémois, que sabe tudo muito bem, porque foi uma das testemunhas do duello.

Olharam todos uns para os outros, silenciosos, não se atrevendo ainda a acreditarem em semelhante noticia. Não obstante, o velho guarda confirmava com a cabeça as palavras de pequenita.

— Falle, meu amigo, falle!— disse-lhe muito commovido o sr. de Sannois.

Então o tio Rémois repetiu o que tinha contado á Susaninha, acrescentando que o infeliz Pedro de Montlaur, ferido pela espada do seu adversario, perdera os sentidos, e que tinham chegado a suppôr que o ferimento era mortal; não fôra assim, porque, dias depois, estava restabelecido e tomava parte n'um combate em frente de Malakoff, onde cahira morto, cumprindo valentemente o seu dever de soldado.

Pedro de Montlaur morrera na Criméa, mas ás mãos do inimigo; o facto podia ser averiguado no ministerio da guerra.

É facil de adivinhar a alegria com que foi escutada a narrativa do veterano, e quanto festejaram o pobre velho.

A Susaninha, com os olhos brilhantes de jubilo, as faces vermelhas dos repetidos beijos que lhe davam, como que resumia em si a felicidade de toda a familia.

— Em troca do prazer que nos dá, que desejás tu, minha querida filha?— perguntou-lhe a bondosa mãe.

— O que desejo, mamásinha? ser a primeira a dar a boa noticia á pobre Thereza!

— É muito justo!

Mas d'esta vez foi a senhora de Sannois quem acompanhou a pequenita.

ADIVINHAR UM NOME

Desde a ultima visita de Susana, a desventurada Thereza de Montlaur, sempre triste e desolada, raras vezes sahira de casa. Passava horas e horas encerrada no quarto, na maior solidão.

As refeições duravam apenas o tempo indispensavel; a mãe não se atrevia a fallar á sua pobre filha do assumpto que por equal as preocupava.

Thereza pensava na sua amiguinha Susana, que representava a sua ultima esperanza. Desgraçadamente, porém, a adoravel menina não tornara a apparecer, de certo por não lh'o consentir a sua familia.

Durante muitos dias, Thereza esperara anciosa, estremecendo de cada vez que ouvia tocar a campainha da porta. Afinal, o tempo foi passando e com elle a seductora esperanza.

Em vista d'isto, imagine-se qual não foi a surpresa da senhora de Montlaur e de sua filha, ao verem apparecer a Susaninha e sua bondosa mãe! Essa surpresa transformou-se na mais inefavel alegria, quando a Susaninha correu a lancar-se nos braços da sua amiga, exclamando radiante:

— Não te dizia eu que tudo se havia de arranjar?... E está tudo arranjado!...

.....
Algumas semanas depois, effectuou-se o casamento de Paulo de Sannois com Thereza de Montlaur.

O tio Rémois foi um dos heroes d'aquelle dia; o pobre velho estava confundido com as innumeradas provas de gratidão que todos lhe davam. O acaso permittira-lhe prestar um serviço; mas a paga era muito superior a esse serviço.

A noite, o complacente avôsinho lembrou-se de que de todas as perguntas de Susana, só a uma não quizera responder; e pensando que a felicidade das duas familias era devida, a final de contas, áquelle pergunta, abraçou a sua netinha com duplicada ternura.

— Olha,— disse-lhe elle — agora ainda te quero mais, se é possível!

A pequenita, não percebendo, olhou muito espantada para o avôsinho, perguntando ainda:

— Porque?

Vamos ensinar aos nossos leitoresinhos uma distracção de sala, que não deixa de ser graciosa e que é de muito facil execução.

Escrevam em cinco bocados de papel, ou de cartão, vinte numeros e vinte nomes diferentes, correspondendo sempre o mesmo numero ao mesmo nome, exactamente como nos modelos que damos em seguida:

- | |
|---------------|
| 1 — Julio |
| 3 — Emilia |
| 5 — Laura |
| 7 — Helena |
| 9 — Amelia |
| 11 — Herminia |
| 13 — Celeste |
| 15 — Carlos |
| 17 — Luiz |
| 19 — Emma |

- | |
|---------------|
| 2 — Clara |
| 3 — Emilia |
| 6 — Joanna |
| 7 — Helena |
| 10 — Maria |
| 11 — Herminia |
| 14 — Mario |
| 15 — Carlos |
| 18 — Octavio |
| 19 — Emma |

- | |
|---------------|
| 4 — João |
| 5 — Laura |
| 6 — Joanna |
| 7 — Helena |
| 12 — Adelaide |
| 13 — Celeste |
| 14 — Mario |
| 15 — Carlos |
| 20 — Eugenia |

- | |
|---------------|
| 8 — Alfredo |
| 9 — Amelia |
| 10 — Maria |
| 11 — Herminia |
| 12 — Adelaide |
| 13 — Celeste |
| 14 — Mario |
| 15 — Carlos |

- | |
|--------------|
| 16 — Elisa |
| 17 — Luiz |
| 18 — Octavio |
| 19 — Emma |
| 20 — Eugenia |



Agora entregue os cartões a qualquer pessoa, dizendo-lhe que ponha o pensamento n'um dos nomes, e que lhe devolva os cartões em que está esse nome. O meu menino somma immediatamente os numeros collocados no alto dos cartões, e o total indica o numero adiante do qual está o nome escolhido.

Lá vae um exemplo. Supponhamos que escolheram o nome Herminia, que tem o n.º 11. Devem n'esse caso apartar os cartões primeiro, segundo e quarto. Ora, sommando os algarismos inscriptos no principio de cada um, o resultado é 11, numero que indica o nome Herminia.

Perceberam? Perceberam de certo. Agora é fazer a experiencia, e se alguma criada velha disser que o caso é obra de bruxaria, riam-se d'ella.

HORAS ENTRETIDAS

91 — CHARADA

Os mortos me procuram — 2
E não é toda minha — 2
As vezes causo zanga
A moça da cosinha.

Lisboa

CUNHA & C.^a

92 — CHARADA

(AO PEQUENO ANTONINHO)

Retribuição

Na caixa muito esquisita — 1
Qu' o pequeno Antoninho tem, — 2
Encontra-se muito bonita
A decima parte de cem. — 1

Foi partilha desgraçada
Que não vale dois patacos,
Vel-a assim sem valer nada
Toda cheia de buracos.

Vizeu

TRAVESSO & C.^a

93 — LOGOGRIPO POR LETRAS

(AO DISTINTO CHARADISTA PEQUENO ANTONINHO)

Gosto de saborear, — 2 — 4 — 5
Sendo sem composição; — 6 — 4 — 2 — 8
Mas sendo grande porção, — 5 — 4 — 3 — 1 — 8
Causa susto. Faz gritar. — 7 — 4 — 3

Lá vão pastores, — 5 — 8 — 2 — 2 — 8
Já não tem cura. — 5 — 8 — 2 — 1 — 8
Que formosura — 7 — 4 — 2 — 3
Onde ha flores. — 7 — 8 — 2 — 1 — 8

CONCEITO

Ai que gloria!
Ai que successo!
Ai que processo!
Ai que victoria!

Vizeu

TRAVESSO & C.^a

94 — CHARADA NOVISSIMA

Letra e instrumento que vae ás procições — 1 — 1

Lisboa

CUNHA & C.^a

95 — CHARADA NOVISSIMA

Desençarapinha, mulher, esta planta — 2 — 3

Vizeu.

O PEQUENO ANTONINHO.

96 — CHARADA NOVISSIMA

Em Roma esta marinha é nome — 1 — 3

Lisboa.

HERMINA.

97 — PROVERBIO COM SUPPRESSÃO DE CONSOANTES

.uc. .a..a .cu. .a.e. e.. a..a

ALEGRIAS

Um andaluz muito fanfarrão, sentou-se um dia á entrada d'uma rua, por onde passava muita gente, e começou a repetir em alta voz:

— Quem é o valente que se atreve a bater-se commigo?

Ninguém fazia caso, julgando-o doido, de modo que elle acreditava ser o primeiro valente do mundo. Mas n'isto appareceu um sujeito, que se incommodou com a petulancia do homem, e lhe disse com energia:

— Bato-me eu!

— Sim? — respondeu serenamente o valentão, sem ao menos se levantar — pois então chegue-se cá para o meu lado... e vamos a ver se alguem é capaz de se bater contra nós dois!

Ha tantos assim!

Um avarento foi uma noite visitar um amigo, que estava a escrever. Depois de se sentar, apagou repentinamente a luz, dizendo:

— Agora conversemos.

— Então que faz?! — exclamou espantado o dono da casa.

— Ora essa! — voltou o avarento — para fallar não precisamos de luz. Devemos ser economicos!

Este era de força!

Um sujeito chegou a descrever tanto da veracidade das noticias dos jornaes, que um dia sahio-se com esta:

— Dizem alguns periodicos que Fulano morreu, outros dizem que está vivo: eu não acredito nem n'uns nem n'outros!

SOLUÇÃO DOS PROBLEMAS

82, Horario. — 83, Salvador. — 84, Crustaceo. — 85, Alerta. — 86, Mofo. — 87, Cortina. — 88, De buracos. — 89, Gato escaldado d'agua fria tem medo.

99,

TALO
AMAR
LAMA
ORAR

AOS NOSSOS ASSIGNANTES

Com este numero concluímos o primeiro tomo do JORNAL DA INFANCIA. É occasião de agradecermos mais uma vez a todos que se tem interessado pelo nosso jornalinho — assignantes, collaboradores litterarios e artisticos, imprensa de Portugal e do Brasil — as repetidas provas de sincero auxilio que nos tem prestado. Esperamos que o segundo tomo que vamos encetar, e que apresentará successivos melhoramentos, merecerá a mesma benevolencia do publico.

Está-se imprimindo nas nossas officinas uma capa para o primeiro tomo do jornal. Se alguns dos senhores assignantes a desejarem, dignem-se avisar-nos. Entretanto, parecia-nos melhor esperarem pelo segundo tomo, para então mandarem brochar ou encadernar os dois tomos n'um só volume, que constituirá um anno completo.

O motivo que nos leva a formar tomos semestrais, é o facilitar d'este modo a compra dos volumes, que supponnos terão larga entrada na distribuição de premios escolares.

A EMPREZA.